

ZÉ CAVADOR

*Pedro de Araújo Bezerra*¹⁰

A vaidade estava cravada nos rosto do esculápio Fernando Gomes Lisboa. O médico apresentava estatura alta, físico um pouco magro, cabelos brancos, barba longa e branca, testa enrugada, lábios finos, e ainda, olhos castanhos claros; voz possante e melodiosa. O renomado médico era conhecido em toda a região do Cariri cearense, em especial, na cidade do Crato, seu torrão natal. Era carinhosamente chamado pelos amigos por Lisboa. Contava com 63 anos e 9 meses de idade, aparentando uma excelente saúde, uma saúde de ferro, como diziam na histórica cidade.

Numa sexta-feira, do mês de maio, por volta das 21 horas, estava lendo o romance *Vidas Secas*, quando de repente, soltou um grito, vindo a cair da cadeira, com todo o peso do seu corpo. Dona Ana Lúcia Lisboa procurou socorrer o marido, porém o ataque fora fulminante, havendo falecido quase que imediatamente. Consumado o óbito do Dr. Lisboa, a mulher e suas três filhas choraram compulsivamente, foi uma cena bastante triste. Ana Mariana, a filha mais jovem, era médica com residência em cardiologia, concluída em São Paulo, contudo, nada pôde fazer para salvar a vida do seu querido genitor. A morte chegou brutal e implacável, naquela noite.

O velório foi no sábado, um dia quente e ensolarado. O ataúde permaneceu no secular casarão do finado, até o final da tarde. Muitos populares, amigos e autoridades compareceram ao velório e ao enterro. Segundo os comentários, em torno de 800 pessoas dirigiram-se ao cemitério municipal. As rádios Araripe e Educadora noticiaram o lamentável fato. Várias pessoas ficaram chocadas com o inesperado desenlace. Flores foram lançadas sobre o esquife. Preces e soluços foram ouvidos. Ocorreu o sepultamento do corpo, às 17. 40 horas, no cemitério Nossa Senhora da Piedade.

10. Juiz de Direito. Poeta e contista

No domingo seguinte, o coveiro Zé Cavador, juntamente com o seu ajudante, de alcunha Zé Cachaça, dirigiram-se, em torno das 3 horas da madrugada, ao jazigo da família Lisboa. Traziam uma garrafa da aguardente Vale do Cariri, cana pura e cheia de braveza.

Todos sabiam que o Dr. Fernando Lisboa gostaria de ser sepultado com o relógio de pulso folheado a ouro, e comprado na Europa, no ano de 1955. O relógio era de seu falecido pai Dr. Jorge Lisboa, havendo assim, um carinho todo especial pelo belo objeto de família.

Depois de muito, muito trabalho, conseguiram tirar a valiosa peça do braço esquerdo do morto. Concluído o furto, foram para suas casas, nas proximidades do cemitério.

Zé Cavador, assim muitos comentavam, ficou avistando o finado Dr. Lisboa. Achavam que o coveiro estava perdendo o juízo. No oitavo dia após o sepultamento do médico, o coveiro procurou o auxílio do padre Daniel Pavese, pois encontrava-se totalmente perdido e amedrontado diante das visões. Surgiu no peito esquerdo do coveiro uma marca avermelhada de uma mão humana, muito provavelmente a mão do Dr. Lisboa. As visões eram assombrosas e constantes. O padre Daniel Pavese, neto de italianos, de Florença, aconselhou que, rezasse um Pai Nosso, um Credo e 100 Ave-Marias, de joelhos no chão. Também orientou para devolver o objeto aos familiares do Dr. Lisboa, o mais rápido possível, sem perder um minuto.

Com olhos avermelhados de chorar, e bastante assustado, foi devolver o relógio no mesmo dia. Dona Ana Lisboa recebeu com surpresa o relógio furtado, havendo olhado fixamente para o autor do delito do furto. Aquela senhora nada falou, preferiu permanecer em silêncio.

Todos afirmavam que, as assombrosas aparições logo desapareceram das retinas do assustado Zé Cavador. Foi um grande alívio, uma benção dos céus.